Ano XVII — Lisboa, Dezembro de 1961 — N.º 200

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O ESCOTISMO CATALISADOR DE AMIZADES

Joel Ribeiro, nosso redactor principal, iniciou a sua colaboração em «Sempre Pronto» no primeiro ano de publicação. Era então muito jovem, mas a sua personalidade afirmou-se desde logo e os seus escritos têm ganho o interesse dos nossos leitores, que apreciam o seu espírito lúcido e estilo elegante. Colabora também activamente no Boletim do Grupo Desportivo da Companhia dos Telefones e ocasionalmente noutros órgãos de imprensa, que constantemente o solicitam. «Sempre Pronto» tem no Redactor Principal um dos seus mais fortes esteios.

O delegado britânico à Conferência Internacional do Escotismo, John F. Colquhoun, na recepção à Imprensa que antecedeu o funcionamento da importante reunião, teve ensejo de afirmar que a nota principal da conferência era a amizade e a confiança que existiam entre todos os presentes, ao contrário do que acontece com a Assembleia das Nações Unidas, onde não tem havido unanimidade de opiniões.

Compreende-se a oportunidade desta afirmação do delegado britânico por ter sido produzida numa reunião destinada a elementos estranhos ao movimento escotista; o mesmo não aconteceria se ela tivesse sido feita em sessão onde os intervenientes fossem apenas elementos ligados ao Escotismo, por se tratar de um facto amplamente conhecido de todos, em virtude de não ser necessária uma longa experiência nestas andanças para dar conta dessa realidade insofismável.

No entanto, embora o acontecimento não seja motivo de surpresa para os conhecedores do nosso movimento, não deixa, contudo, de ter um significado bastante revelador. Há razão para se perguntar a que estranhos desígnios se deve o fenómeno que torna possível que, em reuniões escotistas, os representantes das diversas nações apreciem os seus problemas num nível de amizade e de entendimento, enquanto noutros areópagos os representantes dessas mesmas nações se digladiam com o mais severo e implacável furor. Qual o motivo dessa discrepância de atitudes?

Delineando algumas considerações sobre o caso escotista, o único sobre o que nos interessa neste momento reter a atenção, não podemos deixar de dar conta do forte estímulo que este método educativo imprime ao florescimento de virtudes que dão azo à criação do espírito do bom companheirismo. O método de Baden-Powell dá uma ênfase muito especial a este sentimento, oferecendo aos seus sequazes a noção de que pertencem a uma grande família, onde se contam membros oriundos de de todas as partes do mundo, pertencentes a todas as raças e seguidores dos mais variados credos. No entanto, esta ideia de fraternidade não implica uma subordinação aos princípios de determinada facção, assim como a existência de diversos sectores de opinião não é motivo para um afrouxamento de afinidades. O método escotista, muito pelo contrário, prevê exactamente uma pluralidade de interpretações dos princípios que enformam a nossa civilização.

Esta directriz em que deliberadamente o método escotista se empenha tem forçosamente de produzir efeitos, suscitando as virtudes da compreensão perante diferenças de opinião, de tolerância ante a diversidade de credos e de respeito pela sinceridade que elas revelam.

(Conclui na página 2)

NATAL

Os sinos das grandes catedrais e das mais pequenas capelinhas de aldeia repicam festivamente. A alegria reina abundantemente nas casas dos ricos e até nas humildes choupanas do pobre. Nasceu o Redentor! A humanidade comemora este dia com interessantes manifestações de amizade, de uma amizade que impulsiona os homens a serem generosos, comunicativos, simpáticos. Até o mais parcimonioso patrão procura nesta época recompensar melhor seus servidores.

A nota predominante do Natal é o desejo de dar. A oferta. De tal maneira amou Deus ao mundo que lhe deu o seu único Filho, para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. *As nossas pequenas ofertas, as singelas manifestações de amor tão espontâneo, são símbolo da grande e generosa oferta feita por Deus aos homens. Que bom seria que este espírito de Natal irradiasse pelo ano fora e nós fôssemos bons e generosos em cada dia que passa!*

Mas nem todos podem estar alegres nesta data. Há sempre quem sofra. E como tomam relevo, nestes dias de festa, as nossas aflições! Quando em nossa volta a alegria é exuberante, se a desgraça nos atinge, o sofrimento esmaga-nos. Por isso, no Natal, devemos lançar a vista em nossa volta e buscar aqueles que sofrem, procurando minorar as suas

(Conclui na página 2)

Para todos os nossos estimados leitores e amigos vão os mais sinceros votos de um Natal muito feliz e desejos de que o Ano Novo a todos proporcione Paz e venturas pessoais.

Este é o número 200 de "Sempre Pronto"

ANTIGOS ESCOTEIROS

Quarto encontro da Assembleia Geral da Fraternal Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias

Holanda — Utrecht — Zeist — de 28 a 29 de Outubro de 1961.

A Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal esteve pela primeira vez representada numa reunião internacional. Foi seu delegado o nosso dedicado amigo Sr. Daniel Correia, que teve a amabilidade de dedicar aos nossos leitores o seguinte comentário:

Se mais nenhum outro motivo houvesse para ir à Holanda, país maravilhoso na sua Natureza e na obra que o homem tem realizado, valeria a pena ir lá para assistir à «Conferência Internacional dos Antigos Escoteiros e Guias». É uma oportunidade que nos permite gozar, mais profundamente, o benefício que o Movimento escotista incute no espírito das pessoas e dos povos.

Ver reunidas 94 pessoas, representantes de uns 20 países, num mesmo amplexo de interesse, e, porque não dizer, de verdadeira amizade por um ideal que dignifica o indivíduo, é qualquer coisa que emociona e entusiasma a continuar a ser escoteiro até morrer.

Valeu a pena, na realidade, ter ido a Utrecht — Zeist. E do muito que vi e pude compreender, trago um incentivo para todos nós: para os da «Fraternal», aqueles que já pertencem à velha-guarda, que continuemos ùtilmente apegados a este Movimento, que movimenta e solidariza os ideais mais nobres de um ser. Para os *Novos*, aqueles que começam, e para os que vão a meio caminho, digo que jamais esmoreceis, mas, antes pelo contrário, que sejais sempre firmes no vosso e nosso lema: — Sempre Pronto — Mais alto e mais além!

Afirmo, pois, mais uma vez, que se mais nenhuma outra causa me tivesse levado à «Conferência», só por mera curiosidade valia a pena ter ido ali para viver a camaradagem, a união, o entusiasmo, e a força que exerce aquele mesmo elo que nos une aqui e que leva tantas e tão variadas gentes a reunirem-se.

Fiquei com a melhor e mais grata recordação daquele momento e por ele me senti transposto, de novo, aos meus tempos de menino e moço. É um estímulo que faz bem, que dá óptima disposição, que remoça.

Vós, jovens escoteiros e guias que me ledes, estai certos de que ser Escoteiro não é em vão, não é em vão que se vive este ideal. Perdoai-me estes conselhos. Eu já pouco posso fazer. Mas a Juventude, que é e foi sempre a promessa do futuro, seja preparada para poder estar à altura de, não só fisicamente mas dentro destes propósitos, ir ali levar e trazer resoluções práticas, cheias de incentivo.

Não vamos, pois, descurar este assunto, para quando houver o futuro encontro, em Itália, nós podermos ler no Relatório Internacional que Portugal pertenceu ao número dos países membros que responderam ao Questionário, que Portugal — Sempre Pronto — não faltou.

DANIEL RIBEIRO CORREIA

Países Representados

Estiveram representados nesta Assembleia a Austrália, Bélgica, Dinamarca, Finlândia, França, Grã-Bretanha, Holanda, Itália, Luxemburgo, Noruega, Nova Zelândia, Portugal, Suécia, Suíça e ainda outros três países de que por terem chegado mais tarde o nosso delegado não tomou nota.

O Presidente John F. Kennedy é um Antigo Escoteiro

O Presidente dos Estados Unidos da América, John F. Kennedy, segundo lemos no «Bulletin de l'Amitié», foi escoteiro activo, de 1929 a 1931, no Grupo 2 de Bronxville, Nova Iorque. A partir de 1946, fez parte de numerosas direcções e comissões de Escotismo.

Além disso, todos os membros do seu gabinete assim como o Vice-Presidente L. Johnson foram escoteiros ou membros de Direcções escoteiras. Seis dentre eles foram mesmo Escoteiros: Rusk, Mc. Namara, Kennedy, Day, Udall, Ribicoff e duas senhoras, chefes de lobitos, Freeman e Goldberg.

Que a Promessa Escoteira possa continuar a nortear as suas vidas para bem da humanidade.

O ESCOTISMO
CATALISADOR DE AMIZADES

(Conclusão da página 1)

Assim, fugindo à pretensão de tentar solucionar os problemas humanos, pondo apenas em equação os argumentos de ordem intelectual, o Escotismo baseia na amizade todo o esforço que despende para lograr a compenetração de ânimos.

Não há dúvida que foi pensando nestas realidades que outro delegado, o iraniano Hossein Banait, considerou aquela reunião como o momento próprio para afirmar que sem Deus e sem amor ao próximo é impossível criar um mundo melhor.

Este espírito de amizade é inegàvelmente aquele que melhor pode enfrentar as velhas crises da humanidade, fornecendo-lhe os meios indispensáveis para dar satisfação ao anseio de união que, desde remotas eras, é um dos seus mais caros objectivos.

Já S. Paulo afirmava que o amor é o vínculo da perfeição e, entre outros homens que honestamente se debruçaram sobre o grave problema, é Emílio Zola quem conclama que só o amor poderá salvar e reformar o mundo.

Por vezes, a resistência ao espírito de união que procura congraçar os homens dá origem a calamitosos resultados. Em pleno século XVII, o plano de Leibnitz para a união das igrejas redundou num completo fracasso por um dos opositores ter dado mostras da mais absoluta ausência de discernimento e de compreensão.

Ao convite do filósofo alemão, que se afirmava cheio de flexibilidade e tolerância, respondeu Bossuet com um duro e desalentador não. «Se Leibnitz crê na catolicidade — dizia o grande orador francês — nada mais simples: que se converta ao catolicismo», apóstrofe que mereceu de Leibnitz a réplica de que aquilo em que ele estava empenhado não era a abdicação, mas sim a união.

O Escotismo é efectivamente um sistema que contribui, da melhor maneira, para o florescimento do espírito de concórdia e de conciliação que colocará os homens em posição de estudarem melhor os seus problemas e de apreciarem com superior compreensão as divergências que por vezes ocorrem, criando entre eles o sentimento de fraternidade que só numa verdadeira família é possível existir.

Na Conferência Internacional a nota saliente foi a amizade. Todavia, melhor seria dizer que no Escotismo a fraternidade é qualquer coisa de tangível e de real. Concentremos neste maravilhoso movimento as nossas atenções e busquemos nele a inspiração indispensável para encontrar o caminho de paz e de amor que a Humanidade há tanto tempo procura.

JOEL RIBEIRO

NATAL

(Conclusão da página 1)

dores. Sobretudo, se na vizinhança há dor, devemos ser sóbrios na nossa alegria. As nossas festas devem ser dignas do espírito do Natal. Quando o Amor anima as nossas atitudes, a própria alegria se reveste de tão alto significado, que não atronta aqueles que momentâneamente se encontrem privados de felicidade.

Muitos Portugueses neste dia de Natal estão afastados de suas famílias, velando pela integridade da Pátria. Alguns tombaram no cumprimento do Dever; há luto nesses lares. Não deixaremos de comemorar o Natal porque aos nossos ouvidos chegam os harmoniosos coros celestiais louvando: Glória a Deus nas alturas e Paz na terra aos homens de boa vontade. *Desejamos que esta Paz reine abundantemente entre todos os povos. Comemoraremos, portanto, o Natal, mas alargaremos em nossa volta a mais carinhosa simpatia humana. Minorando a dor em nosso redor seremos mas felizes e mais dignos do Natal.*



UM HOMEM DIGNO

Manuel Ferreira é um exemplo de espírito escoteiro. Residindo na mais longínqua parcela do território nacional — Timor —, afastado do Escotismo há muitos anos, mantém viva a sua dedicação e está sempre presente nas colunas de «Sempre Pronto» com contos admiráveis, cheios de ensinamentos morais, cívicos e históricos, que cativam a juventude. É contista de muito mérito, apaixonado pelas biografias de portugueses notáveis e pelos feitos da nossa História. Tem colaborado em quase todos (ou mesmo todos) os jornais infantis que se têm publicado em Portugal nos últimos anos. É autor de livros de contos e de biografias, que têm tido boa aceitação do público. Algumas das suas apreciadas conferências têm sido editadas.

Leopoldo Morais, o instrutor do grupo de escoteiros, estava dando a sua lição de moral.

— Nunca o esqueçam, rapazes. Nós temos de usar de bondade até para com os nossos inimigos. É essa uma das principais características do cristianismo. O Doutor Sousa Martins, que era tão bondoso como sábio, costumava dizer que não queria usar de injustiça com ninguém, especialmente para as pessoas com quem tivesse cortado relações. Perceberam?

— Sim, senhor Morais. Compreendemos.

— A propósito vou contar-lhes um episódio que se deu, em 1770, na América, quando ainda colónia britânica. Era já grande o descontentamento contra os ingleses e estava em marcha o movimento da independência do país. Ora, segundo li, há tempos, no livro «Vidas de Estadistas Americanos», todas as noites, aos acordes marciais de um regimento britânico, respondiam, atrevidamente, os pífanos e tambores de uma brigada de voluntários americanos, que se intitulavam a si próprios «Filhos da Liberdade». Ora, numa noite muito fria de Março, a coisa aqueceu e os populares vieram às mãos com os soldados, que, perdendo a calma, desataram a atirar.

— E houve feridos? — perguntou Daniel, que estava ouvindo a narrativa com interesse.

— Se houve? Seis feridos e cinco mortos. A confusão foi enorme. As ruas encheram-se de gente enfurecida que gritava por chacina. Os sinos dobravam. E a multidão sòmente dispersou quando o governador Hutchinson chegou ao local e prometeu solenemente que os soldados culpados da agressão seriam presos e devidamente castigados.

— E depois?

— No dia seguinte, o capitão Preston e oito dos seus comandados foram chamados à barra do tribunal, arguidos do crime de homicídio. Mas quem os defenderia? Nenhum cidadão daquela terra estaria disposto a isso. Era grande o ódio do povo. Mas um cidadão influente, Forrest, entrou no escritório do advogado americano John Adams e disse-lhe: *Trago a mensagem de um homem muito infeliz. O capitão Preston necessita de um advogado e não consegue nenhum.* O advogado retorquiu que num país livre, a defesa é coisa que nunca deve faltar a um acusado. *Os réus* — continuou John Adams — *têm direito a ser ouvidos com imparcialidade. Nós, os americanos, estamos a bater-nos pelos direitos de todos os seres humanos, sejam eles amigos ou inimigos. Eu encarrego-me da causa.*

— E John Adams tomou a defesa dos ingleses?

— E tão bem se houve que o capitão Preston foi absolvido do crime de homicídio, porque a acusação não pôde provar que ele tivesse dado a ordem de fogo. Seis dos oito soldados foram também postos em liberdade, devido à insuficiência de provas da sua culpa. Os dois últimos, que declararam ter atirado em defesa própria, foram condenados por homicídio involuntário e escaparam com vida.

— E que foi feito de John Adams, senhor Morais? — perguntou um dos escoteiros.

— A América, mercê da dedicação de muitos homens, entre os quais figurou o português Pedro Francisco, conseguiu o maior bem que se pode conquistar — a liberdade. E John Adams, esse americano que, com notável espírito de isenção, defendeu os ingleses, tornou-se presidente do novo país. Havia nascido em 1735 em Braintree, no Estado de Massachussets, e faleceu em 1826, em Quincy, no mesmo Estado.

MANUEL FERREIRA

— CANTINHO DOS MAIS NOVOS —

Um apelo a todos os jovens escoteiros

Rapazes Escoteiros:

Eu, por intermédio do jornal escotista «Sempre Pronto», quero fazer-vos um apelo e esse apelo constitui o que queria que todos vós com um pequeno esforço conseguissem arranjar, cada um, pelo menos três rapazes e os conduzissem ao vosso grupo, para ver se nós, Escoteiros Portugueses, conseguíamos aumentar o número de Escoteiros não só em Portugal, mas sim também no Mundo. E tenho a certeza que com a vossa ajuda isso se conseguirá.

Vamos! jovens, Escoteiros Portugueses, mostremos o que vale o nosso esforço em favor da humanidade e em favor de Portugal.

LUÍS FILIPE GOMES

N. da R. — *O Guia Luís Filipe, de 12 anos de idade, da Patrulha Águia do Grupo 94, rapaz cheio de entusiasmo e dedicação pelo Escotismo, faz aqui um apelo que merece ser escutado por todos os seus companheiros. Gostaríamos de arquivar nestas colunas respostas a este apelo e notícia dos resultados obtidos. Quem nos escreve a este respeito?*

Coragem

Conta-se que o pintor suíço Anker ficou, em virtude de um ataque, com o braço direito paralisado durante muito tempo. Coisa terrível para um pintor, não é?

Mas Anker não sucumbiu. «Se não vai com a direita há-de ir com a esquerda», disse ele.

E foi mesmo! Passado não muito tempo já ele pintava, e muito razoàvelmente, com a mão esquerda, pequenos quadros dignos de serem postos à venda.

PEDRINHAS

Presença da Mulher

A MAMÃ

Mariana Saragoça, jovem poetisa, é aluna da Faculdade de Letras de Lisboa. Tem publicado em diversas revistas nacionais inúmeras poesias, cheias de beleza e de sentimento profundo. Os seus contos são ainda poesia, são pedaços de alma. Declamadora de muito mérito, a nossa colaboradora tem à sua frente um largo e brilhante futuro nas letras portuguesas.

A sala da policlínica estava cheia de miséria. Eu «sentia» as dores daquele homem mal vestido que tinha o pescoço em chaga e o coração em sobressalto.

A mulher, que estava ao pé de mim, com uma tossezinha fraca, porque nem forças tinha para tossir.

E a rapariga pintada a querer esconder a palidez da pele. As olheiras profundas diziam-me que ela estava a sofrer muito.

Depois, entrou aquele homenzinho baixo e gordo que se pôs a olhar para todos nós porque não viu a empregada sentada à secretária. Olhou e leu os dísticos escritos a letra vermelha, que estavam colados nas portas brancas.

O homem perguntou qualquer coisa que eu não percebi e saiu com a mesma rapidez com que entrara. E foi então que chegaram aquelas duas senhoras bem vestidas, cujos casacos novos e do último figurino eram um insulto para toda a nossa miséria mal escondida. Traziam uma criança pela mão. Pelos gestos e pelas palavras compreendi que era a criança que ia ser observada.

A minha garganta doía-me terrìvelmente. Eu devia estar muito pálida e nem forças tinha para sorrir. Também a minha pobreza de estudante me levara àquela consulta de policlínica.

Mas aquelas senhoras, que iam elas ali fazer?

A criança, uns três anitos mal desenvolvidos, pálidos e raquíticos, olhou-me logo que entrou. Eu sorri-lhe porque gosto de sorrir para todas as crianças.

Oh! Mas nunca eu tivesse sorrido para ela! Olhou-me, sorriu-me, deixou a mão da senhora, e correu para mim:

— Mamã! Oh Mamã!

Estremeci. Eu mãe daquela criança?

Torneí a sorrir, mas agora divertida com o equívoco. A miúda agarrara-se à minha saia, com fúria. Acariciei-lhe os cabelos e beijei-a apesar de me doer atrozmente a garganta.

A senhora de idade sorriu para a senhora mais jovem e disse num murmúrio, que me chegou perceptível:

— É realmente muito parecida com a mãe dela!

A miúda continuava junto de mim. O divertimento dos primeiros instantes deu lugar à emoção. Acariciei-a com os gestos mais maternais que pude improvisar. Quando chegou a sua vez, tive que acompanhá-la porque ninguém a arrancaria para a sala de observações se eu não fosse também. Agarrou-se ao meu pescoço quando lhe peguei. Eu tinha lágrimas nos olhos e desejos de desvendar aquele mistério.

O médico não lhe encontrava nada de grave.

A miúda agora ia partir.

Tive vontade de a acompanhar, de lhe sorrir eternamente, de sustentar por mais tempo a crença que fizera nascer no seu coraçãozinho. Mas as senhoras sorriam-me e disseram para a criança:

— Vamos. A mamã precisa ainda de consultar o senhor doutor. Depois irá ter connosco.

A criança duvidou. Olhou-me. Os seus olhos diziam-me que só acreditaria se eu falasse, e num sorriso que escondia lágrimas, disse-lhe:

— Vai, meu amor. A mamã já vai ter contigo.

As senhoras, num sorriso, fingiram agradecer. Beijei a criança, talvez como a beijaria a própria mãe. Senti desejos de a arrancar dos braços «delas» e levá-la comigo.

E a menina pálida, agora quase feliz, dizia, beijando-me:

— Até logo mamãzinha. Estou tão contente por tê-la encontrado de novo. Todos me diziam que era má, que tinha fugido. Eu bem dizia que era mentira.

Virei a cara para o lado e deixei correr livremente as lágrimas.

MARIANA SARAGOÇA

Foi condecorado a título póstumo, o Caminheiro Joaquim Ferreira Aguiar, morto em combate em Angola

A Direcção dos Escoteiros de Portugal, no B. O. de 15 de Novembro passado, concedeu, a título póstumo, a Medalha de Abnegação, classe prata, ao Caminheiro do Grupo n.º 2, Joaquim Ferreira de Aguiar, morto em combate nas margens do rio Lué, Angola, em 31 de Agosto último, como oportunamente noticiámos.

O Secretário das Relações Internacionais, Sr. Manuel Lopes Peixoto, foi galardoado com a medalha de mérito, classe ouro

Pelo Boletim Oficial da Associação dos Escoteiros de Portugal publicado com data de 15 de Novembro passado, foi concedida ao Secretário das Relações Internacionais, Sr. Manuel Lopes Peixoto, a medalha acima citada, tendo, segundo se lê naquele documento, em muito apreço os valiosos serviços que, desde que tomou posse em 1953, vem prestando ao Movimento, revelando, através de iniciativas e realizações, profundo conhecimento do método escotista e, pela sua conduta e modo de proceder, ser possuidor, em grau elevado, de qualidades de direcção e comando.

Refere-se ainda o mesmo despacho à colaboração que o homenageado prestou nas diligências que conduziram à obtenção do Campo Permanente da Costa da Caparica, e ainda à colaboração dispensada à Repartição Mundial de Escotismo para a instalação da 18.ª Conferência Internacional, «podendo assegurar-se que ao seu labor incessante, inteligente e útil se ficou a dever uma boa parte do sucesso que a Conferência alcançou entre nós, e, bem assim, das gratas recordações que os delegados levaram do nosso país, do povo português e dos escoteiros de Portugal. E termina:

«Tendo, ainda, em consideração a acção que tem desenvolvido com o objectivo de se estreitarem e fortalecerem as relações da A. E. P. com o C. N. E., é concedida ao Dirigente Manuel Lopes Peixoto a medalha de mérito, classe ouro, como penhor da muita admiração pela sua exemplar conduta e como prémio dos seus relevantes serviços.»

«Sempre Pronto» associa-se à homenagem prestada ao Sr. Lopes Peixoto, a quem apresenta as suas felicitações.

SENTIDO!

Já o nosso jornal se encontrava no prelo quando se desenvolveu a brutal ofensiva da União Indiana contra o Estado Português da Índia. Nehru, negando cìnicamente os princípios pacifistas que sempre afirmara professar, deu ordem às tropas indianas para pisar terra portuguesa, testemunha sagrada da extraordinária epopeia dos Portugueses no Mundo. Gandi, o admirável apóstolo da não-violência e de quem aquele se dizia seguidor, nas circunstâncias mais difíceis foi corajosamente fiel aos seus ideais até ao sacrifício da própria vida. O Primeiro Ministro indiano, porém, para atender a meras conveniências políticas não hesita em levar a guerra, o sofrimento e a dor às pacíficas terras de Goa, Damão e Dio.

«Sempre Pronto» presta sentida homenagem à generosa juventude de Portugal, que heròicamente verte o seu sangue ao serviço da Pátria, e, comovidamente, curva-se perante a memória gloriosa dos que tombaram no campo da honra.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

O Ideal do Escotismo

a Eduardo Ribeiro
a Joel Ribeiro
com um fraternal abraço no momento em que publicam o 200.º número do seu, «do nosso» jornal.

O Velho Lobo Negro do Norte é pseudónimo sob que modestamente se oculta um ilustre professor de ensino secundário, que honrou as fileiras do movimento escotista nos seus tempos heróicos. É um incansável homem de letras a quem se deve um bom número de excelentes volumes de investigação histórica, didácticos e educativos, entre os quais dicionários das línguas inglesa e francesa. Ao seu fecundo labor se devem ainda algumas cuidadas traduções de trabalhos sobre cultura e história de Portugal.

Colabora activamente em diversos jornais e revistas, ora sobre problemas do ensino, ora acerca de assuntos de natureza literária ou educativa. «Sempre Pronto» deve-lhe já numerosos e valiosíssimos trabalhos, cujo vigor e clarividência tiveram o condão de despertar grande interesse entre os nossos leitores.

A recente realização da 18.ª Conferência Internacional de Escotismo em Lisboa veio chamar a distraída atenção dos Portugueses para um movimento que, apesar da hostilidade ou desinteresse do ambiente, persiste em sobreviver, porque os que o dirigem estão convencidos de que o Escotismo pode e *deve* representar no futuro papel de relevo na reeducação do Povo português, por ser uma enorme força moral. E quer os senhores do Mundo queiram, quer não, a Força Moral é, felizmente, ainda hoje a grande impulsionadora dos homens e a mais forte alavanca para a sua elevação.

A Conferência passou quase despercebida no nosso país, preocupado com factos e acontecimentos de valor vário a absorver as atenções da nossa gente. Mas a presença das numerosas delegações estrangeiras foi só por si a prova evidente e palpável da importância do nosso Movimento e do valor que lá fora se lhe atribui. Embora se trate dum movimento de gente moça, não o consideram coisa de somenos importância, tão certo é que, como afirmou um dia o filósofo, «a Criança é o pai do Homem».

Houvessem alguns países da Europa compreendido o vasto alcance do decálogo de Baden-Powell e com toda a certeza ao Mundo teriam sido poupados horrores inenarráveis e a tragédia pavorosa de mais uma guerra mundial.

Que a criança ocupa na vida lugar preeminente, demonstra-o até o facto de na Itália, na Alemanha e noutros países de mentalidade reaccionária se ter procurado há poucos anos distorcer os princípios do Escotismo, chegando à sua «macaqueação» e, o que é pior, à sua completa deturpação com a obrigatoriedade, por imposição do próprio Estado, da inscrição nos chamados movimentos juvenis, em que, sob a capa da preparação dos jovens para o papel de futuros cidadãos, se lhes incutiram no espírito ideias de belicosidade e de superioridade rácica, matando nos corações juvenis todas as ideias de colaboração fraternal entre as gentes de todas as raças e de todas as cores, negação gritante dos princípios escotistas que levam ao desenvolvimento integral e harmónico da personalidade dentro do ambiente humano, sem o que nenhum valor tais princípios podem ter.

É preciso, portanto, que entre nós, pelo menos, o Escotismo volte a ocupar o plano a que um dia chegou e de que decaiu, para que os jovens portugueses de ambos os sexos possam reencontrar-se como seres humanos, de pensamento e sensibilidade postos ao serviço do próximo no desejo de *bem servir*, que é a súmula do ideal do Escotismo, bem expresso na sua divisa «*Sempre Pronto*».

É necessário que todos os resquícios das más ideias, sub-repticiamente insinuadas no subconsciente dos nossos rapazes e das nossas raparigas, desde as vésperas da II Guerra Mundial até aos nossos dias, desapareçam para sempre. Não é duma metralhadora, nem duma granada de mão, nem de gritos roucos contra quem quer que seja que os nossos jovens precisam, mas antes duma alma aberta, pronta a aceitar as ideias generosas duma fraternidade que tantos idealistas pregaram no passado, mas que energúmenos, ambiciosos e até psicópatas, negaram e procuraram banir da face da Terra, no desejo veemente do regresso à floresta primitiva e à Lei da Selva, a lei do mais forte.

A despeito do ataque que nos últimos 30 anos se fez ao Escotismo, ele não morrerá: a sua missão mal começou. Tem de ir até final. Tem

(Conclui na página 6)

★ PEQUENA CRÓNICA DE LISBOA

Luís Simões Aurélio, antigo escoteiro e dedicado colaborador deste jornal, é um metódico estudioso de tudo quanto se relacione com a nossa História, como os nossos leitores já tiveram ensejo de verificar com a série de artigos que publicou em «Sempre Pronto» há alguns meses sobre as origens da cidade de Lisboa.

No trabalho que hoje nos oferece, este nosso amigo mais uma vez confirma os atributos que lhe reconhecemos.

Varandas debruçadas sobre a cidade, os miradouros de Lisboa plantados no alto das suas colinas, oferecem ao olhar curioso do visitante e do alfacinha o espectáculo garrido da cor de Lisboa a que o acidentado orográfico desta privilegiada urbe empresta pitoresco encanto.

Pela sua magnífica situação e pela histórica Ermida que nele se situa, merece que dele nos ocupemos o Miradouro da Senhora do Monte.

Quer seja de manhã, à hora em que o sol matutino afugenta a azulada neblina que tolda o horizonte, quer seja à tarde, à hora em que a luz do poente põe no casario da cidade um tom dourado de refulgente poalha, vale a pena um passeio até ao Monte a espraiar a vista por vasto panorama, à ilharga os montes vizinhos do Castelo e da Graça e ao fundo, a perder-se na imensidão, o cenário incomparável do Tejo.

Mas vamos à história da Ermida. Fundada em 1147 e primitivamente chamada Ermitério, foi o primeiro templo que se construiu na cidade após a sua conquista aos mouros e foi edificada na raiz do Monte então chamado de S. Gens.

Quatro eremitas Agostinhos, que vieram na Armada dos Cruzados que auxiliaram D. Afonso Henriques na tomada de Lisboa, ali edificaram o seu Ermitério e nele colocaram a cadeira de S. Gens, primeiro bispo de Lisboa que nesta cidade nasceu e nela viveu nos primeiros tempos do Cristianismo, percorrendo a Lusitânia, pregando a religião de Cristo e, em Lisboa, sentado na sua cadeira, ali no Monte, era escutado pelo povo da cidade.

Divergem os historiadores acerca da data da sua morte, que alguns situam no ano 66 da era cristã em que foi martirizado, imperando Nero.

Além da cadeira de S. Gens, colocaram os frades por padroeira

(Conclui na página 6)

VIDA LARGA

Enrique Genovés é um dedicado amigo e velho batalhador das lides escoteiras. O início da sua carreira vem de longa data, dos anos da mocidade. De uma actividade excepcional, coopera também activamente no Campismo e Montanhismo Espanhol e colabora em diversas revistas e jornais escoteiros e campistas. É autor de dois livros sobre Montanhismo e Campismo, nos quais afirmou não só a sua competência literária, mas também o profundo conhecimento da matéria. «Sempre Pronto» tem inserido valiosos trabalhos seus acerca da doutrina e técnicas escoteiras, que muito têm honrado estas colunas.

Este periódico acaba de alcançar uma meta simbolizado por esse rotundo número que é o 200. Duas centenas de números lançados à luz pública representam muitas horas de trabalho, muitos problemas técnicos, económicos e intelectuais resolvidos.

É uma larga tarefa capaz de esgotar a capacidade de trabalho da equipa encarregada de que o periódico, mês atrás mês, lance sugestões, críticas; transmita notícias, recolha a história dos Escoteiros de Portugal e também uma parte da história e cronologia do Escotismo Mundial.

Devo confessar que, intimamente, experimentei sempre um vago temor de que SEMPRE PRONTO deixasse de existir em qualquer momento. Mas o temor tem sido vão e afortunadamente estas folhas modestas, mas portadoras de uma grande dose de entusiasmo, têm continuado a chegar pontualmente a minhas mãos, número atrás número, como coisa habitual e familiar, até esse exemplar que faz duplo centenário a SEMPRE PRONTO.

E por isso sinto uma grande admiração para esse trio de homens, de Escoteiros, que carregaram com a ingrata tarefa de publicar um periódico e seguem na brecha, fiéis à sua responsabilidade, depois de 17 anos.

E se muita é minha admiração, maior é minha gratidão como Escoteiro Espanhol. Porque nem eu, nem meus companheiros de luta em todos estes anos de circunstâncias adversas, podemos olvidar que estas páginas foram as primeiras no mundo escotista que se nos abriram acolhedoras, que proclamaram valentemente a nossa existência e inquietude, que fizeram sentirmo-nos outra vez membros da Grande Família.

Através destas páginas entrámos nós no Escotismo Português, e graça ao labor iniciado aqui, a que mais tarde se uniu «Flor de Lis», Escoteiros e Escutas nos consideraram, não só irmãos, mas também camaradas íntimos. Por isso nós, os Escoteiros de Espanha e de modo particular os madrilenos, temos vindo uma e outra vez a Portugal com a tranquilidade e a confiança de quem vá a sua casa, a casa de sua família.

Quando este ano fomos a Portugal, uma vez mais, para estar presentes na 18.ª Conferência Internacional, não pudemos menos recordar os esforços realizados em 1950 por este periódico, que mobilizou inclusive o Presidente dos Escoteiros de Portugal, a fim de facilitar à nossa viagem à reunião de Comissários Internacionais celebrada em Caxias, na linha de Cascais, chamando assim a atenção do Escotismo Mundial para Espanha.

Por admiração e gratidão, eu sou o mais modesto e inconstante colaborador de SEMPRE PRONTO, não quero deixar passar este acontecimento feliz de dupla centena, sem unir os meus votos de larga vida aos muitos que, estou seguro, estão recebendo nesta data os impulsionadores do periódico.

ENRIQUE GENOVÉS
Comissário Chefe de Zona

★ ● ★

ESCOTEIROS DE PORTUGAL
EM SERVIÇO MILITAR NO
ULTRAMAR PORTUGUÊS

CARLOS MAGNO DO NASCIMENTO PESCADA
MANUEL DOMINGOS SERRA
CARLOS ALBERTO DO CARMO VIEGAS

Do Grupo n.º 6, de Olhão — servindo em ANGOLA

Sabemos que outros Escoteiros se encontram em serviço militar nas províncias ultramarinas. Pedimos a todos os chefes para nos darem a conhecer os seus nomes e colocações.

PEQUENA CRÓNICA DE LISBOA

(Conclusão da página 5)

uma imagem de Nossa Senhora e, em 1148, construíram, junto ao Ermitério, a sua primeira habitação. Manteve-se o Ermitério tal qual a sua primitiva construção, como atrás dissemos, no sopé do monte, até ao começo do século XIII. No ano de 1243 uma rica senhora, que era proprietária nas vizinhanças, fez doação aos frades de S. Gens de todas as terras que possuía no alto do Monte, para lá habitarem. Com o produto de avultadas esmolas, construíram os religiosos no cimo do Monte novo Ermitério, para o qual transferiram a imagem da padroeira e a cadeira de S. Gens e, pouco a pouco, o pequeno templo passou a ser conhecido pela Ermida da Senhora do Monte. Ao mudarem-se lá para o alto, os religiosos levaram consigo o pequeno monumento que primitivamente tinham erigido na raiz do Monte, em 1148, e colocaram-no em frente da Ermida, onde ainda se encontra e no qual se vê gravada a seguinte inscrição:

«ULISIPPONE HIC AUGUSTINENSIUM PRIMA SEDES A. R. ANO 1148»

cuja tradução em português se deverá ler:

AQUI EM LISBOA EXISTIU A PRIMEIRA RESIDÊNCIA DOS AGOSTINHOS NO ANO DO REINO DE PORTUGAL DE 1148.»

O grande terramoto do 1.º de Novembro de 1755, que tão consideráveis danos causou à nossa bela cidade, arruinou totalmente à antiquíssima e pequenina Ermida que, reedificada, de novo abriu ao culto em 1757.

LUÍS SIMÕES AURÉLIO

O Ideal do Escotismo

(Conclusão da página 5)

de ensinar a juventude a resgatar o pecado colectivo duma humanidade, cavernícola, que em vez de pôr o seu ideal no aperfeiçoamento moral para atingir a ambicionada felicidade, a pôs antes no domínio autolátrico, espezinhando e esmagando todos quantos lhe não caiam aos pés em adoração.

O Escotismo português, quase moribundo, creio-o sinceramente há-de renascer das próprias cinzas pela força duma vontade decidida de vencer. O espírito abnegado dos tempos heróicos do Escotismo nacional há-de mais uma vez brilhar ao sol português. Hoje como ontem tem cada de um de nós de estar SEMPRE PRONTO para a grande luta incruenta de libertar o Homem dos seus fantasmas para o restituir à sua dignidade de ser humano.

É um dever. É ditame de consciência. É imperativo de salvação nacional.

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

O VALOR
DA COOPERAÇÃO

Capitolino Ferreira Macedo administra «Sempre Pronto» desde o primeiro número. Se nenhum jornal pode subsistir sem uma administração cuidada, «Sempre Pronto», que vive inteiramente das contribuições dos seus leitores, deve a sua publicação ininterrupta à muita dedicação e zelo constante de Capitolino Ferreira Macedo.

O «Sempre Pronto» publica o seu n.º 200; significa portanto, que duzentos números deste modesto jornal saíram para a luz da realidade num espaço de tempo razoável — 17 anos — neste já decorrido pouco mais de meio século do Movimento Escotista no mundo.

Porém, ao chegarmos a este ponto da iniciativa levada a efeito em 1945 pelos elementos do Grupo n.º 94, surge-nos uma pergunta: Como foi possível conseguir arranjar uma soma parecida com cerca de 250 contos, tal é o montante do custo dos 200 números saídos deste jornal e despesas diversas e de outras publicações conhecidas dos nossos leitores, quando o nosso tra-



balho foi iniciado sem qualquer capital que nos permitisse enfrentar o futuro com confiança?

Pensamos que, de facto, este jornal tem saído com uma regularidade que nos apraz registar e que todos os nossos compromissos têm sido satisfeitos pontualmente, tudo isto não contando com as muitas dificuldades que se nos depararam nestes 17 anos, as quais temos procurado resolver com o habitual sorriso escoteiro...

Mas, um factor é notório na vida do «Sempre Pronto». Temos cerca de oito dezenas de assinantes que nos têm acompanhado desde a primeira hora, animando-nos não só com a sua contribuição habitual, mas muito além disto com o estímulo da sua amizade, dando-nos constantes provas de carinho, de simpatia e encorajando-nos sempre a prosseguir para bem do Escotismo e para propagação do Ideal a bem da Juventude da nossa Pátria.

Outros ainda têm sido cooperadores activos também desde os primeiros momentos, fazendo a divulgação do jornal nos seus grupos, nas localidades onde vivem, trazendo até nós igualmente o desejo de prosseguir, pois que reconhecemos que «Sempre Pronto» tem sido para esses, que muitas vezes se encontram isolados dos progressos escotistas, a chama viva do Ideal Escoteiro.

A Administração reconhece pois, que tem sido esta elevada definição do valor da cooperação que tem conseguido levar a bom êxito este trabalho, explicando-se deste modo que só assim tenhamos tido possibilidade de resolver todos os nossos problemas financeiros, respondendo desta forma à pergunta que formulamos neste breve apontamento.

Queremos por isso, neste momento, decerto bastante festivo para toda esta família do «Sempre Pronto», levar o nosso muito reconhecimento a todos os que de qualquer forma têm cooperado connosco e pedir-lhes que continuem a animar-nos com a sua simpatia e amizade, para nós o maior estímulo que nos podem dar.

CAPITOLINO FERREIRA MACEDO

A VOZ — DO — CHEFE



QUALIDADES DE CHEFIA (LEADERSHIP)

As qualidades de chefia são a chave do êxito — mas qualidades de chefia são coisa difícil de definir e é difícil encontrar Chefes. Frequentemente tenho verificado que «qualquer asno pode ser um comandante e um homem treinado pode muitas vezes dar um instrutor; mas o chefe é como o poeta—nasce, não é manufacturado».

Poderia falar-vos acerca de chefes que tenho encontrado e em que condições os tenho encontrado, mas isso é outra história.

Posso, no entanto, afirmar que há quatro pontos essenciais que devemos esperar do chefe:

1 Deve ter fé sincera e profunda convicção na rectidão da sua causa, para que os seus seguidores sejam contagiados e participem do seu fervor.

2 Deve ter uma personalidade alegre, enérgica, com a simpatia e compreensão amiga dos seus seguidores, que garanta a sua cooperação entusiástica.

3 Deve ter confiança em si próprio através da compreensão da sua tarefa. Desta forma ganha a confiança dos seus homens.

4 Deve praticar aquilo que ele próprio prega. Por esta forma dará um exemplo pessoal à sua equipa.

Os princípios essenciais da chefia, podem, em linguagem telegráfica, ser sintetizados como «companheirismo e competência». A chefia através do tacto pessoal é a chave do êxito do Movimento.

BADEN-POWELL

Núcleo de Amigos do "Sempre Pronto"

OFERTAS EM 1961

Publicado no n.º 161:

Sr. Prof. Aníbal G. Ramos. . .	20$00	
Sr. Albano da Silva.....	20$00	
Sr. Major Fernando Caetano....	46$00	
Sr. Rev. João P. dos Santos....	28$40	114$40
Sr. Rui da Silva Paulo.....		20$00
Sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva.....		20$00
Sr. Eduardo Rolão.....		20$00
Sr. Luís Simões Aurélio.....		20$00
Sr. Wolf Karl.....		20$00
Sr. Alfredo Gallis.....		20$00
Sr. Eduardo Ribeiro.....		20$00
		254$40

Esta importância foi aplicada nas despesas extraordinárias com o presente número especial de «Sempre Pronto».



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

Estamos na época do Natal, em que o espírito escoteiro da Boa Acção mais se aprimora. Eu sei que tu não esperas por esta época para a prática das tuas Boas Acções e que todos os os dias praticas pelo menos uma. No entanto, o Natal é o momento em que de uma maneira particular nos recordamos dos deserdados, dos infelizes. É natural, portanto, que penses numa boa acção da tua patrulha para o dia de Natal. Essa B.A. terá mais valor quando seja praticada com os vossos próprios recursos e por vossa inteira iniciativa. Mas será mais valiosa ainda se for feita por Amor, sem desejos de exibicionismo, e sem obedecer a um mero formalismo. Que a tua Patrulha faça pois uma verdadeira B.A. e ponha nela toda a simpatia dos seus escoteiros por aqueles que sofrem, rodeando-os principalmente de carinho e boa amizade, os mais ricos bens de que podemos dispor. E «não saiba a tua mão esquerda o que a direita fez».

Que tenhas um Natal muito feliz pela muita felicidade que promovas em tua volta. Teu bom e dedicado amigo

LOBO VELHO

TU SABES OBSERVAR?

Armando Garcia Inácio é um jovem Escoteiro-Chefe, dedicado a «Sempre Pronto», confiecedor do Movimento e sempre com novas ideias para despertar o interesse do Escoteiro. Tem sido um colaborador entusiasta da Página do Escoteiro e as suas iniciativas têm conquistado o apreço da rapaziada.

Todo o Escoteiro é bom observador. Já B.-P. prevenia: «Lembrai-vos de que é grande vergonha para um Escoteiro que um estranho descubra, perto ou longe, qualquer coisa que ele não tivesse visto primeiro». Portanto, para o Escoteiro, observar é uma arte que ele exerce todos os dias. Não desprezarás o mais insignificante pormenor, assim como VERÁS com atenção bem escoteira todas as coisas, sejam elas de pequeno tamanho ou grandes objectos.

O melhor processo de treinar a atenção e adquirir espírito observador será a prática de Jogos do Quim nas suas variadas modalidades, o que te permitirá fixar os objectos que observas e descrevê-los mais tarde.

É no entanto no campo, em pleno contacto com a natureza, que poderás desenvolver grandemente o sentido de observação. Nos grandes jogos, em que os «inimigos» espreitam as tuas manobras, tens de usar da maior prudência e tacto para conseguir ludibriá-los e transpor as suas linhas. Para isso terás de atender a algumas regras básicas para não seres descoberto.

1 — Escolha do fundo

A principal é a escolha do fundo onde actuas. Se estiveres agindo num local em que tenhas por fundo um muro branco e usas calções pretos ou outra roupa escura, em vez de VER serás visto. Portanto, tens de atender à cor da tua indumentária e verificar se os tons se confundem com o local. Com roupa escura não te deves expor em campo claro, mas fazer as tuas descobertas em terreno muito denso ou junto a rochedos, caso contrário o teu vulto ficará visível a grande distância. Sempre que te julgues descoberto conserva-te imóvel por longo tempo até que o «inimigo» julgue que se equivocou.

2 — Maneira de observar

Repara nas gravuras 1 e 2: O Escoteiro espia o «inimigo» examinando-o por cima do rochedo. Neste caso era um homem «morto».



Gravuras 1 e 2

A sua figura destaca-se perfeitamente e só um pata-tenra comete esses erros. A observação deve ser feita olhando por um dos lados e o mais cosido possível ao solo.



Gravura 3

A gravura 3 mostra um escoteiro em vigilância. Simplesmente, colocou-se ao sol e não só a sua figura se destaca como a sombra se projecta e, por isso, é um bom alvo para o adversário. Para não seres visível colocar-te-ás à sombra.

3 — Maneira de rastejar

Muitas vezes há necessidade de espiar um animal ou um adversário. Para isso terás de te aproximar dele rastejando. Cola-te o mais





Gravuras 4 e 5

(Conclui na página 9)

TU SABES OBSERVAR?

(Conclusão da página 8)

possível ao chão para não acontecer o que vês na gravura 4, em que o «extremo» do Escoteiro se destaca perfeitamente.

Quando rastejares avança lentamente e lembra-te de que um movimento brusco fará a tua silhueta sobressair.

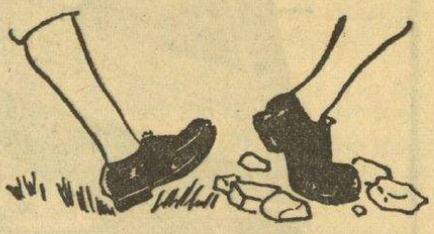
Ao fazeres a observação de animais, para o que é preciso muita paciência, coloca-te de maneira tal que a aragem não te denuncie. Coloca te a Sotavento do animal, isto é do lado contrário do vento. Para saberes qual é a sua direcção, se a aragem for muito fraca, basta molhar um dedo com saliva e expô-lo ao ar. O lado em que esfriar mais depressa indicar-te-á a direcção do vento.

4 — Observação nocturna

De noite, apesar da escuridão, também os preceitos anteriores devem ser atendidos. Se estiveres a observar, tens, da mesma forma, de te preocupar em que a tua figura se não destaque no horizonte, para que não sejas uma silhueta perfeita em noites de luar. O silêncio neste caso deverá ainda ser maior e terás de caminhar como um hábil explorador.

5 — Maneira de caminhar

A maneira correcta de caminhar é na ponta dos pés. O bater do tacão ouve-se a grande distância, enquanto o outro processo torna mais leve o caminhar e cansa muito menos. Repara na gravura e faz



uma ideia de como deves corrigir o andar. Mesmo na cidade põe em prática este método para te habituares.

* * *

Nos grandes jogos, uma habilidade de grande resultado é o disfarce. Para te confundires com o meio onde actuas podes empregar matérias semelhantes àquelas que te cercam: Ramos de árvores ou de arbustos, erva seca ou verde colocada no chapéu, etc.

Faz parte da técnica de observação o registo visual de todos os pontos de referência, tais como: Casas, edifícios característicos, árvores, portões, rochedos e um sem número de coisas que podem servir de excelentes meios de identificação.

Experimenta fazer uma excursão e de tempos a tempos citar de memória o caminho percorrido, indicando esses pontos de referência.

Aqui tens preciosos conselhos que poderão fazer de ti um grande observador. Poderão e deverão porque todo o Escoteiro é um bom observador.

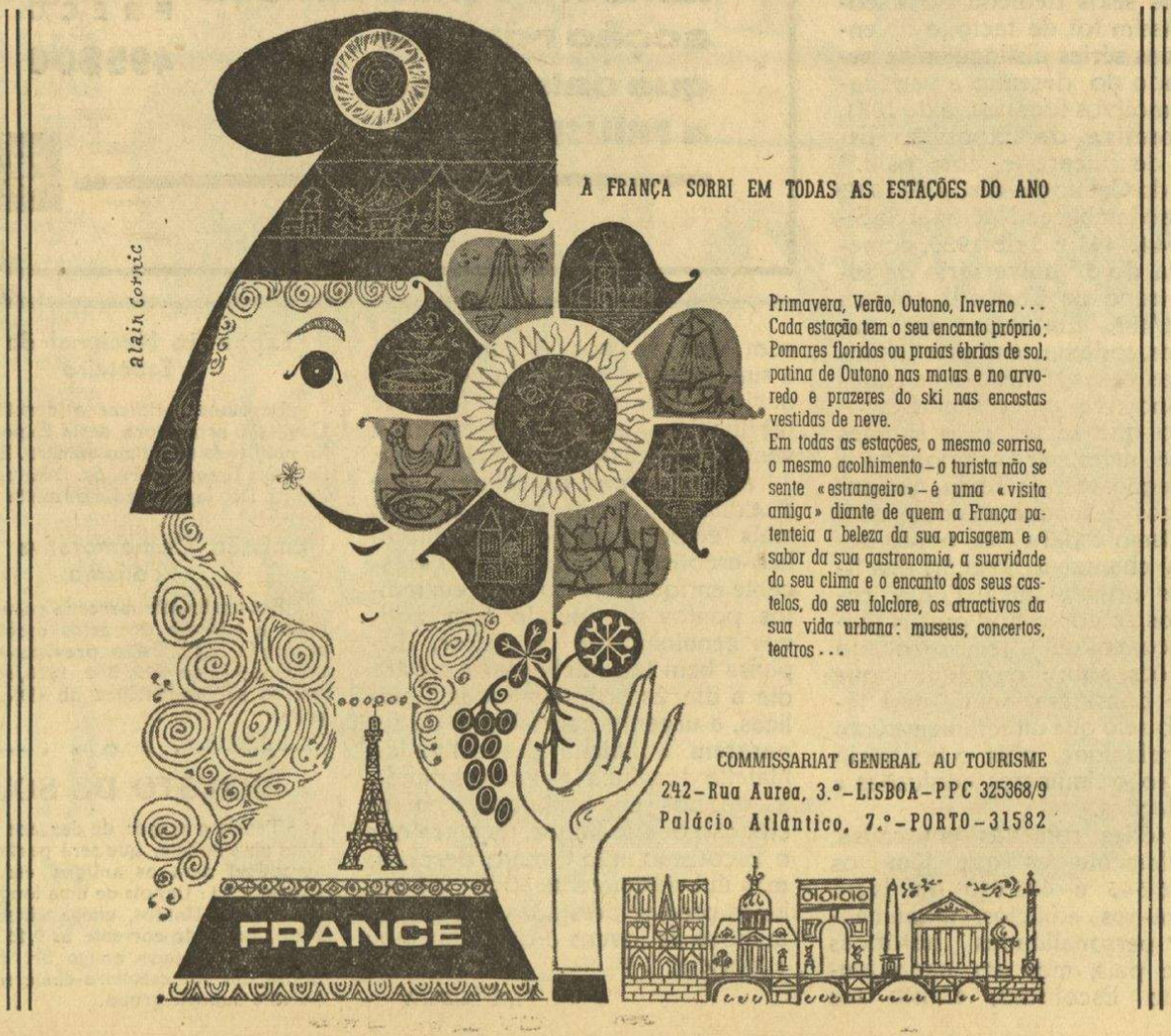
ARMANDO GARCIA INÁCIO

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De luto — Pelo falecimento de seu pai, Sr. José Pereira, ocorrido em Castro Marim em 8 do corrente, encontra-se de luto o nosso dedicado colaborador, solícito correspondente em Vila Real de Santo António, Escoteiro-Chefe José Manuel Pereira.

O extinto, que contava 67 anos, foi, combatente na Flandres durante a Grande Guerra, era muito estimado no Algarve, onde as suas qualidades de carácter lhe granjearam muitos amigos.

A toda a família enlutada, particularmente ao nosso querido amigo Sr. José Manuel Pereira, apresentamos sentidas condolências.



FILATELIA

III

Do valor e do interesse das séries

José Manuel Pereira, dedicado escoteiro-chefe do Grupo n.º 60 de Vila Real de St.º António, é há muitos anos colaborador prestimoso de «Sempre Pronto». Tem sido o principal animador desta Secção, dado a sua competência sobre Filatelia Escoteira. É também dedicado colaborador de outros órgãos da imprensa algarvia.

Como prometemos, voltamos hoje ao tema abordado no número de Julho do «Sempre Pronto», pois ele merece realmente ser continuado, quer pelo que possa interessar aos filatelistas que na temática escoteira estão a dar os primeiros passos, quer pela controvérsia que a não concordância com o exposto possa gerar entre os iniciados em tal temática, já que «da discussão nasce a luz» e toda a luz nos parece pouca quando se trate de iluminar a rota, cada vez mais bela e dilatada, no tão florescente ramo escoteiro no quadro geral da filatelia.

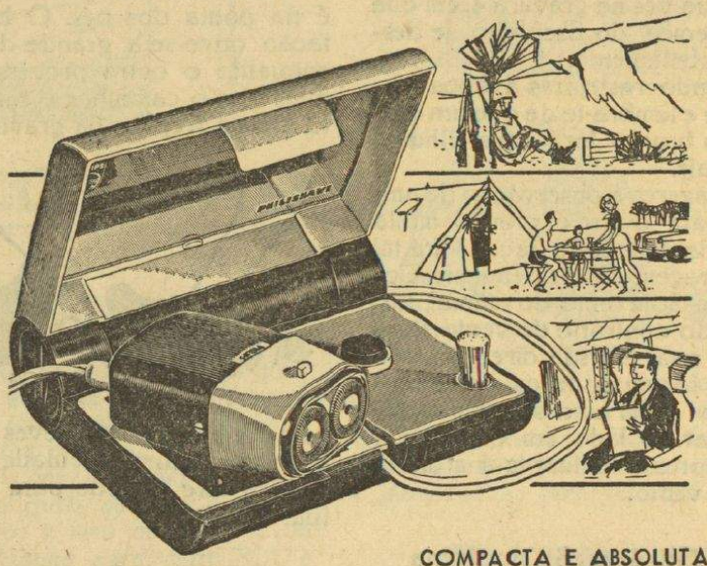
Dissemos ter sido a Roménia, antes do regime comunista, o país que mais selos dedicou ao Escotismo. Assim foi, de facto, e de entre as suas séries distinguem-se pelo cuidado do desenho e variedade dos motivos focados, a de 1931, comemorativa da Exposição Escoteira de Bucareste, com os n.os 422/426 do Catálogo Ivert; a de 1932, alusiva ao Jamboree Nacional de Sibiu, n.os 440/445 e a de 1935, comemorativa do 5.º aniversário da subida ao trono de Carlos II, com os n.os 481/485. Em alguns dos outros selos, todavia, embora incluídos pelas casas filatélicas na temática desportiva, como sendo escoteiros, o que se fez pelo simples facto de neles vir mencionada a organização «Straja Tarii», não encontramos a menor analogia com o Escotismo e para este ponto desejamos chamar a atenção dos filatelistas principiantes. É que entendemos, e como nós outros filatelistas com os quais temos trocado impressões sobre o assunto, que só deve considerar-se de uma temática o selo que directamente com ela se relacione, pois o contrário daria azo a inúmeras confusões e especulações.

As séries romenas em causa, nomeadamente as que têm os n.os 536/546 e 603/610 do Ivert, mostram-nos edifícios, monumentos e personalidades históricas daquele país, mas em nada aludem ao Escotismo, e isto faz com que se nos afigure errada a sua inclusão na nossa temática, devida talvez e apenas ao facto de tal inclusão mais lhes facilitar a venda nas casas da especialidade.

Aos que nos objectarem que a exclusão dessas séries deixará mais empobrecido o ramo filatélico-escotista, diremos que o crescente enriquecimento deste em muitos pontos do Mundo com motivos genuìnamente escoteiros, dispensa bem tais «achegas» e mostra dia a dia, às próprias casas filatélicas, a urgente necessidade de separarem a filatelia desportiva da filatelia temática escoteira, dando a esta, nos seus catálogos, a emancipação que se impõe, uma vez que o Escotismo não é mero desporto mas útil sistema educativo com sobejas provas prestadas nos muitos milhões de jovens a quem norteou e norteia.

J. M. PEREIRA

Onde estiver e quando quiser!



Pode barbear-se perfeitamente com a PHILISHAVE para pilhas secas. Também com a famosa acção rotativa que celebrizou a PHILISHAVE

COMPACTA E ABSOLUTAMENTE AUTÓNOMA É FORNECIDA COM UM ESTOJO QUE CONTÉM TODOS OS ACESSÓRIOS, INCLUINDO O ESPELHO. FUNCIONA COM 2 PILHAS DE 1,5 V. QUE PERMITEM FAZER A BARBA DIÀRIAMENTE DURANTE UM MÊS

PREÇO 495$00

Exposição Nacional do Selo Escoteiro

Devemos rectificar a constituição da Comissão promotora desta Exposição, que foi publicada no último número. Em vez do Sr. Félix Bragança é o Sr. Duarte Gil Mendonça. Do lapso, pedimos muita desculpa.

Emissão Comemorativa do Escotismo

Foi finalmente marcada para Abril ou Maio a emissão dos selos escoteiros dos nossos C.T.T.. Estão previstas seis taxas: incluindo as de $20, $50, 1$00, segundo lemos na secção filatélica do «Diário de Lisboa».

ERNESTO DE SOUSA

Temos o prazer de dar aos nossos leitores uma notícia, que será particularmente agradável para os antigos escoteiros do Grupo n.º 1: Depois de uma longa ausência nos Estados Unidos, chega a Lisboa, no sábado, dia 23 do corrente, às 9.15 da manhã, o nosso dedicado amigo Sr. Ernesto de Sousa, que foi escoteiro-chefe muito competente daquele grupo.

Agentes-Correspondentes e Delegados de «Sempre Pronto»

São muitos e dedicados os colaboradores de «Sempre Pronto». Alguns anònimamente contribuíram com o seu esforço para que estes 200 números viessem a público. Entre todos, merecem uma palavra de simpatia e de gratidão os nossos, agentes, correspondentes e delegados, que com um zelo excepcional dão uma útil e valiosa cooperação a esta obra comum. «Sempre Pronto» conta actualmente com os seguintes representantes:

DELEGADOS

NO PORTO — (Vago)

NOS AÇORES — E. C. Jacinto do Reis Moniz Silva. — Chafariz Velho, 8 — Angra do Heroísmo — Terceira.

NA BEIRA (Moçambique) — Alfredo Pereira Jardim — Caixa Postal n.º 1171.

EM ESPANHA — Enrique Genovés — Joaquín María Lopez, 17 — Madrid.

NO BRASIL—João Fernandes Brito— União dos Escoteiros do Brasil — Caixa Postal 1734 — Rio de Janeiro.



PROBLEMA N.º 7 / 61

NA PASTAGEM

Dois lavradores alugaram em comum uma pastagem pela quantia de 10 800 escudos. O primeiro pôs 8 vacas na pastagem e o segundo, durante o mesmo tempo, 150 carneiros. No momento de dividir as despesas, os nossos lavradores calcularam que uma vaca comia tanto como 15 carneiros. Que quantia teve de pagar cada um?

■

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6/61

Pedro tem 450$00 e Luís 150$00. Com efeito, no primeiro caso, falta a Pedro os 50$00 que perdeu para ter três vezes mais dinheiro que este último.

No segundo caso, falta-lhe 50$00 para ter quatro vezes o que resta a Luís, seja quatro vezes o que Luís diminuiu de quatro vezes 50$00. A quantia de Luís ao princípio era então 200-50=150 e a de Pedro 150×3 =450.

O 17.º Aniversário do "Sempre Pronto"

Conforme já anunciámos, no domingo, dia 14 de Janeiro próximo, os membros da nossa redacção e suas famílias reúnem-se num almoço de confraternização para comemorar os 17 anos de cooperação amiga na publicação de «Sempre Pronto».

Diversos amigos têm tido a gentileza de se associar a este acto, o que muito nos sensibiliza. A fim de facilitar as inscrições, alterámos o nosso programa e podemos anunciar que a inscrição para o almoço custará Esc. 55$00, sem prejuízo do serviço, e será realizado num restaurante do centro de Lisboa.

Agradecemos a todos os inscritos que efectuem o respectivo pagamento até 4 de Janeiro próximo.

AGENTES - CORRESPONDENTES

NO ENTRONCAMENTO — Manuel Ferreira Valério — R. Ten. Coronel Alfredo Pereira da Conceição, 15.

EM OLHÃO — E. C. João Lobo Miranda Trigueiros (interinamente).

EM VILA REAL DE ST.º ANTÓNIO — E. C. José Manuel Pereira — Rua do Barão do Rio Zézere, 8.

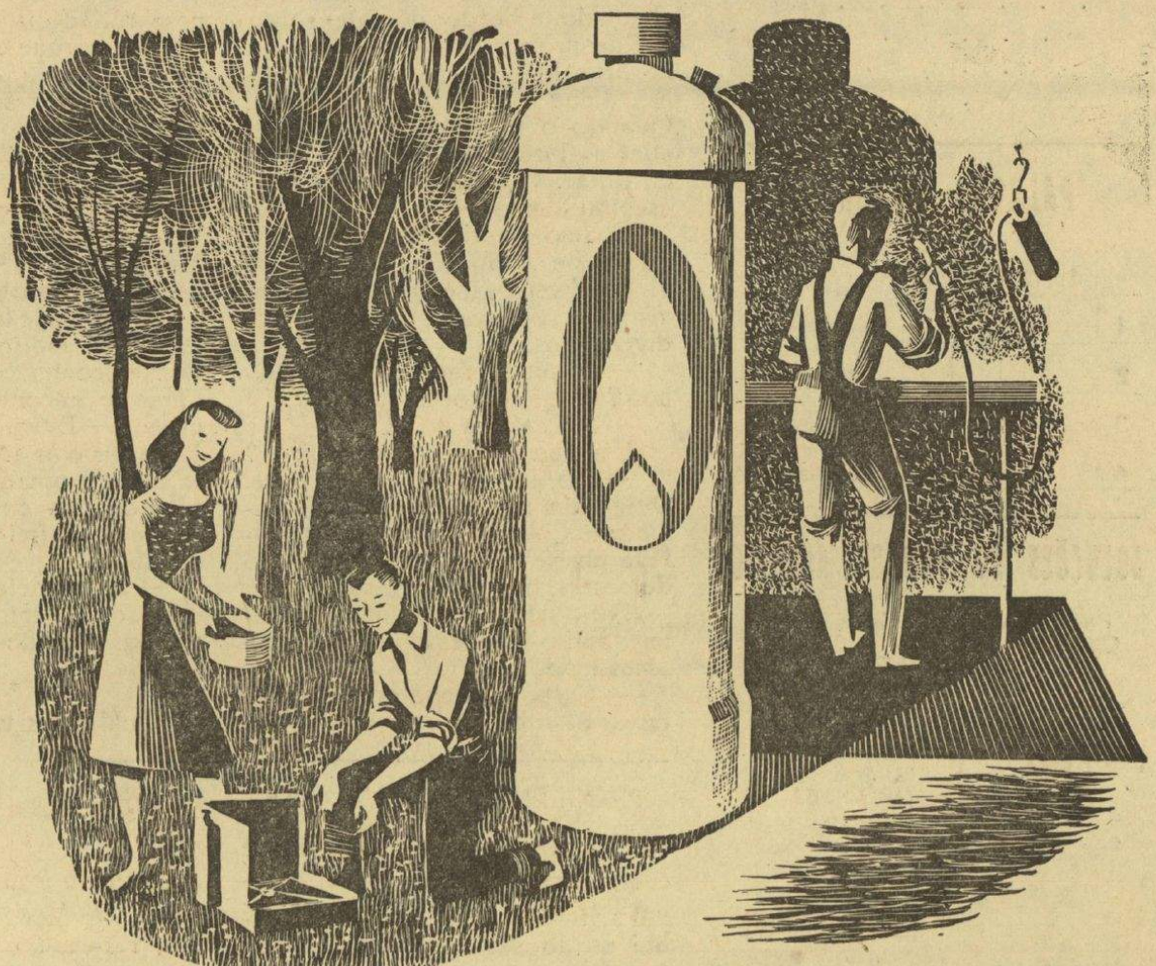
EM FARO E EM SINTRA — (Vago)

NO FUNCHAL — (Vago)

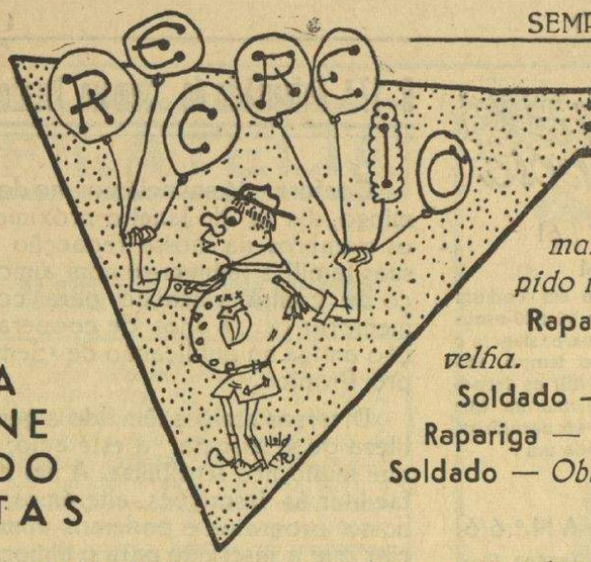
EM ALGÉS — E. C. Eduardo Pereira Balão — R. Eduardo Augusto Pedroso, 12 Algés — Lisboa 3.

Os estojos de
PROPACIDLA
tão portáteis como uma pasta vulgar, fornecem uma fonte de calor onde quer que se encontrem e proporcionam na indústria uma chama sempre pronta para qualquer trabalho.

CIDLA
Combustíveis Industriais e Domésticos
S. A. R. L.



AGENTES EM TODO O PAÍS



PÁGINA alegre PARA MIÚDOS e GRAÚDOS

ANEDOTAS

Soldado — *Vê aquele homem que ali vai? É o comandante do meu regimento. Nunca vi homem mais estúpido na minha vida.*

Rapariga — *Você sabe quem sou eu? Sou a sua filha mais velha.*

Soldado — *E você sabe quem sou eu?*

Rapariga — *Não, não sei.*

Soldado — *Obrigadinho pela informação.*

• •

O Chefe Regional — «*Gostava de saber quem é o escoteiro mais fraco do Grupo.*

O Pata-tenra — *Faça o favor de esperar um pouco, vou chamar o meu chefe.*

DECAPITAÇÕES

. . . . .	Dizer
. . . .	Içar
. . .	Pátria
. .	Atmosfera
.	Consoante

ACRÓSTICO

.	Vogal
. . .	Pronome relativo
. . . . .	Roedores
. . . . .	Mês
. . . . .	Vegetais
. . .	Período
.	Vogal

PALAVRA QUADRADA

	1	2	3	4	
1					Condenação
2					Herdades (ant.)
3					Apelativo
4					Filho de Jacob

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

PALAVRA QUADRADA

TUDO
USAR
DAMA
ORAR

ACRÓSTICO

JACINTO
AÇUCENA
CRAVO
IRIS
NARCISO
TULIPA
ORQUIDEA

DECAPITAÇÕES

JAMAIS
AMAIS
MAIS
AIS
IS
S



PROBLEMA POLICIAL N.º 6

Um crime a bordo

O Inspector Z foi urgentemente chamado a bordo do iate «Meia Noite», propriedade do famoso milionário Joaquim Monte, que fora assassinado a tiro pela madrugada. Quando o Inspector chegou já os agentes faziam os interrogatórios da praxe. O Inspector sentou-se e escutou atento:

Chamo-me Helena Montes, era esposa da vítima. Meu marido convidou diversos amigos para uma visita às Berlengas, a fim de nos divertirmos.

— A que horas saíram de Lisboa? — interrogou o Agente.

— Ao cair da noite.

E a que horas ouviu os tiros?

— Era meia noite e meia hora. Dirigia-me nessa altura ao meu camarote. Quando entrei, a porta estava aberta e o meu marido caído de costas, banhado em sangue.

Foi o nosso Inspector quem interrogou o Manuel Pires, primo do assassinado:

— Onde se encontrava quando ouviu os tiros?

— Encontrava-me na proa a pescar. Não distingui perfeitamente os sons porque estava entusiasmado na captura de uma truta, que acabara de pescar, e não prestei bem atenção.

Outro suspeito foi interrogado:

— Reconhece esta arma? — inquiriu o Inspector.

— Perfeitamente — respondeu Manuel Simões — é minha. Estava no meu camarote.

— Sabe que foi esta arma a causadora da morte do Joaquim Montes? — continuou o Inspector. — Onde se encontrava na altura do crime? — Estive no bar jogando às cartas e às 10.20 saí e fiquei pela coberta olhando o mar. Quando ouvi os tiros corri ao meu camarote e encontrei a pistola no mesmo lugar.

— O Inspector sorriu e deu ordem aos Agentes para prenderem um dos suspeitos.

* * *

Qual deles teria sido?

PROBLEMA POLICIAL N.º 5

O crime foi imperfeito porque o arsénico em doses muito pequenas é tolerável pelo organismo e é até usado para fins terapêuticos. Resultou daí o facto do tio estar mais gordo.

Metagrama

Sou uma leguminosa de Moçambique. Mudando-me a primeira letra, ver-me-ão transformada em: caruma, escala, folhagem, lodo, renome, senhora.

A utilizar sòmente no Continente e Ilhas Adjacentes

RSF

Não carece de selo. O porte será pago pelo destinatário.

Bilhete Postal — Resposta

Autorizado pelos C. T. T.

Redacção do

«SEMPRE PRONTO»

TRAV. VITORINO DE FREITAS, 9

LISBOA 3

SEMPRE PRONTO é o mensário que há perto de 20 anos serve o Escotismo em Portugal com uma tenacidade e elevação que tem merecido louvores de todos aqueles que se devotam à causa do Escotismo.

Para que este facho permaneça bem aceso é indispensável a cooperação de todos os Escoteiros, Antigos Escoteiros e outros Amigos. E a melhor forma de colaborar é conseguir novos leitores.

Assinaturas:

Quota anual 18$00

» semestral 9$00

Uma campanha de «SEMPRE PRONTO»

MAIS UM ASSINANTE

Só mais um assinante! Eis uma campanha simples e de êxito garantido se o estimado amigo quiser. Só pedimos uma assinatura, mas essa assinatura é a sua.

— Já é assinante?

— Mande-nos a assinatura de seu afilhado, do seu amigo, do seu vizinho ou do seu colega. Mas não deixe de nos enviar uma só assinatura. Depende da sua cooperação o êxito desta Campanha.

NOME .....

MORADA .....

EM ..... . ASSINATURA anual semestral

COBRANÇA EM .....

Assinatura

DATA :

.....